

## A formação de uma classe operária mundial\*

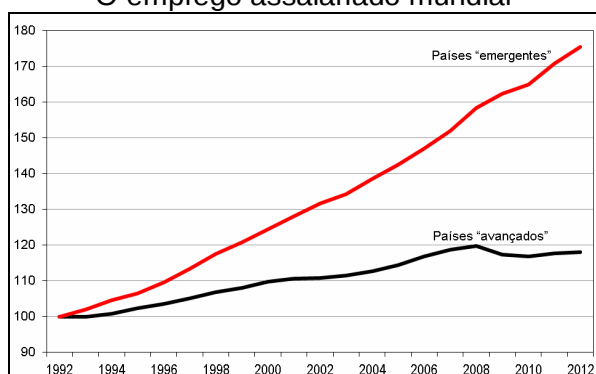
Michel Husson, *Esquerda.net*, 7 Janeiro 2014

Durante os anos 1990, deu-se um fenómeno decisivo com a entrada no mercado mundial da China, da Índia e do antigo bloco soviético, o que conduziu a uma duplicação da força de trabalho que está em concorrência no mercado mundial<sup>1</sup>. Os dados da OIT<sup>2</sup> permitem uma estimativa do emprego assalariado à escala mundial. Nos países “avançados”, ele progrediu cerca de 20% entre 1992 e 2008, depois estagna desde a entrada em crise. Nos países “emergentes”, aumentou quase 80% no mesmo período.



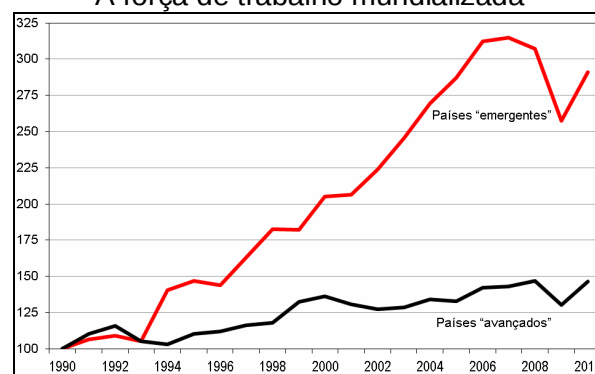
Operárias da Foxconn, numa fábrica em Shenzhen - China

Gráfico1  
O emprego assalariado mundial



Base 100 em 1992. Fonte: OIT

Gráfico 2  
A força de trabalho mundializada



Base 100 em 1990. Fonte: FMI

No emprego na indústria, regista-se um resultado semelhante, mas ainda mais marcante: entre 1980 e 2005, a mão-de-obra industrial aumentou 120% nos países “emergentes”, mas baixou 19% nos países “avançados”<sup>3</sup>.

A mesma constatação sobressai de um estudo recente do FMI<sup>4</sup> que calcula a força de trabalho nos setores exportadores de cada país. Obtém-se uma estimativa da força de trabalho mundializada, que está diretamente integrada nas cadeias de valor globais. A discrepância é ainda mais marcante: entre 1990 e 2010, a força de trabalho global assim calculada aumentou de 190% nos países “emergentes”, contra 46% nos países “avançados”

A mundialização conduz tendencialmente à formação de um mercado mundial e também à de uma classe operária mundial, cujo crescimento se faz no essencial nos países dito emergentes. Este processo é acompanhado de uma tendência para que a força de trabalho seja assalariada. A taxa do emprego assalariado (a proporção de assalariados no emprego) aumenta de forma contínua, passando de 33% para 42% no decurso dos últimos vinte anos. Verifica-se igualmente que esta tendência é mais marcante nas mulheres.

\* Michel Husson, « [La formation d'une classe ouvrière mondiale](#) », *note hussonet* n°64, 18 décembre 2013, disponível no seu site [hussonet.free.fr](#). Tradução de Carlos Santos para *esquerda.net*.

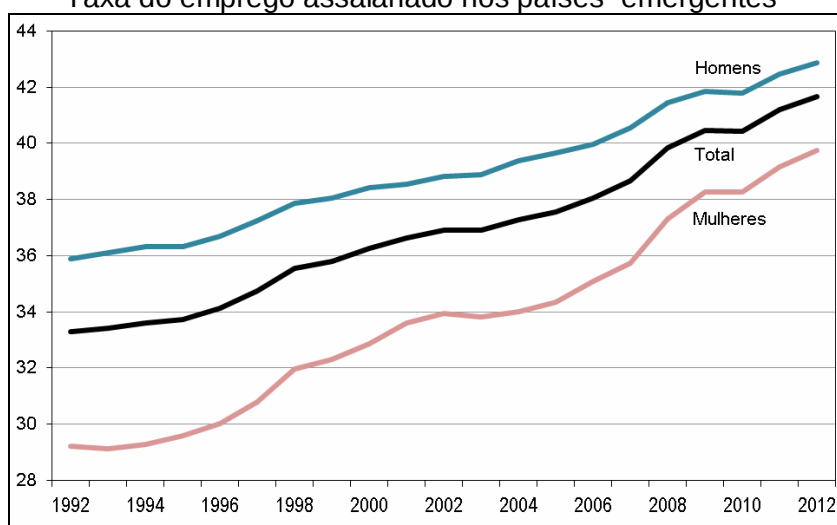
<sup>1</sup> Richard Freeman, « [China, India and the Doubling of the Global Labor Force](#): Who Pays the price of Globalization? », *The Globalist*, Juin 2005.

<sup>2</sup> ILO, *Key Indicators of the Labour Market (KILM)*.

<sup>3</sup> John Smith, « [Imperialism and the Law of Value](#) », *Global Discourse* [Online], 2: 1, 2011.

<sup>4</sup> FMI, [Jobs and growth: analytical and operational considerations for the Fund](#), Mars 2013.

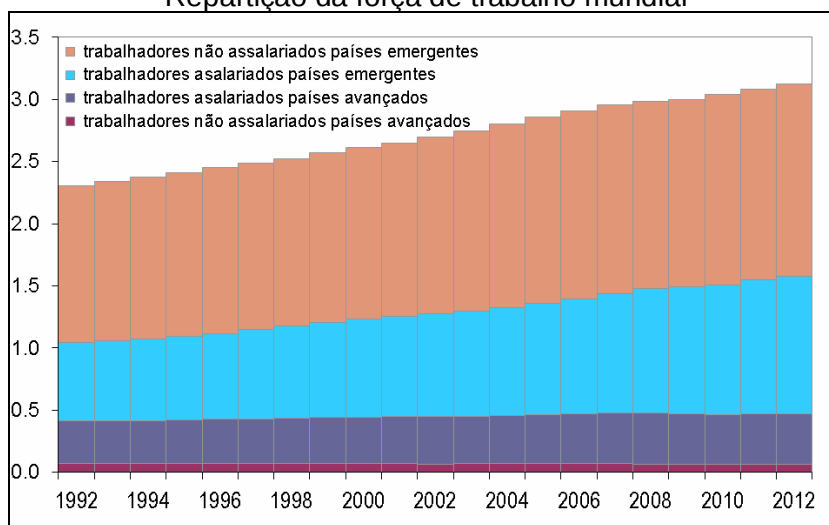
Gráfico 3  
Taxa do emprego assalariado nos países “emergentes”



Fonte: OIT

A dinâmica do emprego no mundo é ilustrada pelo gráfico 4 e pode resumir-se assim: quase estabilidade ou fraca progressão do emprego nos países “avançados”, aumento somente nos países “emergentes”: +40% entre 1992 e 2002, com aumento do emprego assalariado (salarizado: +76%, outros empregos: +23%).

Gráfico 4  
Repartição da força de trabalho mundial



Fonte: OIT

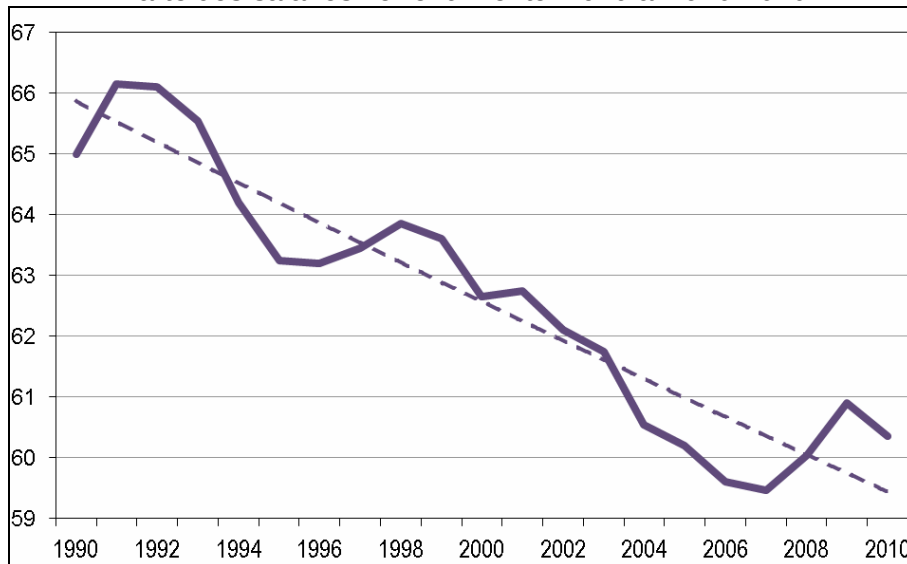
Para o ano de 2012, os dados da OIT conduzem à seguinte repartição do emprego mundial em milhares de milhões:

Emprego nos países “avançados”	0,47
Empregos assalariados nos países “emergentes”	1,11
Outros empregos nos países “emergentes”	1,55
Emprego mundial	3,13

Esta classe operária mundial é extraordinariamente segmentada, devido às consideráveis diferenças salariais. Mas a mobilidade desta classe operária é limitada ao passo que os capitais obtiveram uma liberdade de circulação quase total. Nestas condições, a

mundialização tem como efeito colocar potencialmente em concorrência os trabalhadores de todos os países. Essa pressão concorrencial exerce-se tanto sobre os assalariados dos países “avançados” como sobre os dos países “emergentes” e traduz-se por uma baixa tendencial da parte dos salários no rendimento mundial.

Gráfico 5  
Parte dos salários no rendimento mundial 1970-2010



Em % do PIB. Cálculos de Michel Husson a partir de Stockhammer, 2013<sup>5</sup>.  
Média dos seguintes países: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, Suécia.  
Argentina, Brasil, Chile, China, Costa Rica, Quênia, México, Namíbia, Omã, Panamá, Peru, Rússia, África do Sul, Coreia do Sul, Tailândia, Turquia.

<sup>5</sup> Engelbert Stockhammer, « [Why have wage shares fallen?](#) », ILO, *Conditions of Work and Employment Series* No. 35, 2013.